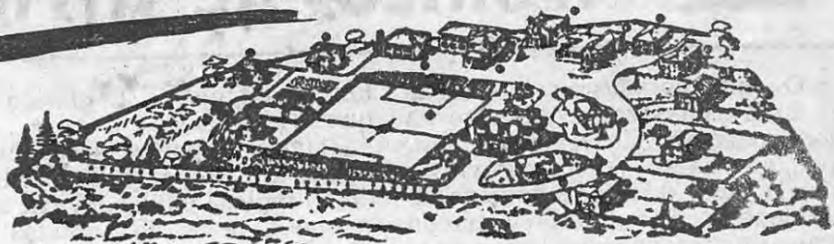


AVENÇA



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO X ~ N.º 236 ~ PREÇO 1000

Um Aniversário

O GAIATO faz hoje anos. Faz nove. Tem ainda dois anos à sua frente, antes de chegar à idade do Liceu. E assim tem uns seis para andar devagar e acautelado.

Quando for para a Universidade, isso então é que há-de ser! Júlio vem ter comigo para se fazer um número de festa. Júlio gosta de festas. Ele ama o jornal. Cada número que sai, Júlio vem mostrar, abre as páginas, indica, corre a mão por sobre o tipo; olhe que lindo!

Eu digo que sim. Não é o jornal. É ele. É a paixão por uma causa. A paixão é que faz rochas do grão d'areia.

Este ano, porém, não faço a vontade ao Júlio e a festa vai ser feita por um de fora. É uma carta. Ei-la:

"Devo ao «Gaiato» momentos inesquecíveis de catequese real, efectiva, prática, tirando-me do mundo de egoísmo e ignorância em que vivia, como vive o comum das gentes, e embora pouco ou nada mais tenha feito, tenho agora procurado interessar-me mais pelos desafortunados e dir-lhes, ao menos, uma palavra de conforto. Lidando com humildes, muitos rapazes ainda, recebi ensinamentos na leitura do seu jornal-clarão que me permitiram conhecê-los melhor, fazendo-me mais compreendido.

Deu-me tais exemplos de confiança de serenidade, de coragem, de atrevimento até, que hoje, eu que era um tímido nas ruas do mundo, enfrento a sua procela com alegria e paz tais, que julgo nada temer.

É que eu não conhecia verdadeiramente o Evangelho e vós, tendo-o tirado dos Santos Livros para a vida, permitiste-nos uma melhor compreensão e uma maior captação da sua maravilhosa beleza e sabedoria.

Palavras de louvor não as posso dar, pois não tenho categoria para o fazer, mas posso, isso sim, agradecer do fundo do coração o bem que me tendes feito, as lágrimas sentidas e consoladoras que tenho vertido e que me aproximam mais do Bom Deus e d. Sua Santa Lei, fazendo-me compreender melhor a vida, vislumbrar o seu sentido verdadeiro, aprofundar as verdades essenciais e eternas que os homens na sua ignorância, no seu orgulho, na sua arrogância, confundem e desprezam.

Bendito seja Deus e seus Santos Arazos!

Eu não conhecia o Evangelho. E é ver, hoje que o conheço, a transformação de uma vida em torrentes de Verdade! Ainda que haja sido apenas um Homem a conhecer o Evangelho, pela leitura do jornal - devo ao Gaiato. Ainda que só um, digo, vale a pena fazer rolar a máquina 74.000 vezes por mês! Sim, porque este que ora procura interessar-se mais pelos desafortunados, não está quieto nem calado. Ele já perdeu aquela doce paz do mundo e hoje é a Paz de Cristo que o devora. Ele vai e lança-se e fala e impertuna e sofre e ama. E este Um, pode fazer um milhão. Eis.



Aqui, LISBOA!

Curraleira, 24/II—Estamos no centro da Curraleira. Mais de trezentas barracas de todos os feitios e materiais, formam esta cidade cogumelo. Pelos carreiros tortuosos e infectos, à laia de ruas, circulam crianças semi-nuas, mulheres desgrenhadas, cães famintos. Dois pequenos leitões disputam um saco de papéis sujos que a dona recolheu nesta manhã, às escondidas da polícia, pelos caixotes do lixo nas ruas da cidade. Muitas delas vão ali procurar o pão dos filhos. Pelas portas entreabertas das barracas, podemos observar os farrapos que constituem todo o guarda-roupa da família. Lá para baixo, há alterações de mulheres. A taberna está cheia. À porta duma barraca noto um aglomerado de crianças que me abrem caminho e fazem anunciar. Mal acredito no que vejo.

Tinha eu dito, aqui há anos, perante a desolação das furnas, que, se as antigas Famílias Religiosas continuassem alheias à sorte das Curraleiras, a Providência havia de suscitar novas Famílias que tomassem à sua conta estes párias da sociedade.

Afinal não fiz profecia nenhuma. Os Padres da Missão de Paris eram já uma realidade e as Irmãs de Jesus do Padre Foucault eram já outra realidade que eu desconhecia. Temo-las no centro da Curraleira. São já duzentas nas capitais da Europa e quatro apenas em Lisboa. Vieram da França, da Suíça e da Itália, tendo trocado a beleza dos lagos, a brancura dos Alpes e o azul das praias do Mediterrâneo pelo charco da Curraleira. Forte loucura!

As crianças abrem-me a passagem. A barraca é em tudo igual às outras. Uma das irmãs sauda em francês e oferece um mocho de ripas confeccionado pelas suas mãos. Uma mesa de costaneiras e um retrato do Padre Foucault encaixado em fasquias, que mais parece um mendigo, constituem toda a mobília daquele recanto direito. Do lado esquerdo está a cozinha, ainda mais rudimentar. Em frente, num cubículo de dois metros feito de ripas, tudo trabalho delas, é a capela. Aqui continua a pobreza: uma tábua, uma toalha, uma caixa sacrária, dois castiçais toscos, um crucifixo e uma candeia suspensa das ripas do telhado. *Aqui* le que não tinha onde reclinar a cabeça, fica bem ali. Mais atrás é a clausura. Tudo tão acanhado e rudimentar como em Belém. Uma delas tinha ido para a fábrica. São irmãs operárias. Outra anda na costura, de casa em casa. Uma

Nota da Redacção

O número presente já estava composto, quando recebemos o Aqui Lisboa do P. Adriano. Chamei o Júlio e disse que no dia d'anos do jornal, isto tinha de sair à luz. E que havia de ser no primeiro lugar. E que tudo ficaria para trás; e o Júlio assim fez. Que notícias formidáveis! Que potencial! Cristo é hoje como ontem o Rei e Centro dos corações!
É o Gaiato quem conhece e revela estas catacumbas de Lisboa, na Curraleira! É um padre da rua que vê e sente e sai de lá com o archote!

terceira tinha ido à fonte e outra estava ali a fazer o curativo dos olhos purulentos das crianças.

Nunca vi pobreza maior nem a loucura da cruz vivida em grau tão elevado. O mundo actual, gozador e banal, precisa destes exemplos fortes para que abra os olhos e tremia da ruína que anda a cavar para si mesmo. Para o Barredo e Curraleira a presença destas heroínas é uma luz e um conforto. A Igreja não abandonará os Pobres que ali vivem. Cristo está também numa barraca de tábuas...

Mas, se nos perguntarem se fica assim resolvido o problema dos barredos, respondemos terminantemente que não.

Se estes bairros fossem artigos de museu, para serem conservados através dos tempos, poderíamos calar-nos—de outro modo—tudo continua por fazer. Contudo, antes que surja a era das novas construções que hão-de substituir estes aglomerados vergonhosos, é preciso que alguém cave os caboucos; que heróis e heroínas se sacrifiquem e percam a vida nos atuleiros das curraleiras. Sobre a cruz dos seus túmulos é que há-de levantar-se a cidade nova.

PADRE ADRIANO

Património dos Pobres

Um despacho superior confere às comissões paroquiais que superintendem na distribuição das casas, o poder de requerer vistoria da Delegação de Saúde às que ficam vagas, antes de serem novamente arrendadas. Até aqui sucedia que, uma vez desocupada, aparecia imediatamente um outro mais pobre a instalar-se e a pagar renda. Ora isto não tem jeito. Temos de fazer obra limpa. Ao Pobre deve-se respeito. Que ninguém abuse jamais da sua fraqueza. Os senhores devem ser notificados e aconselhados e, sendo isso necessário, obrigados a beneficiar a casa que o pobre deixa, antes de receber outros.

Isto quanto a casas. Se o pobre deixa uma barraca o caso é mais simples. Queima-se e acabou. Quem dá uma casa nova, pode queimar a barraca. Nós já assim fizemos e ninguém nos foi à mão.

Fica, pois, aqui a notícia. Esta Obra do Património dos Pobres é já uma coisa nacional e por isso mesmo tem de ser bem feita.

Avisamos os párocos das freguesias aonde se encontram casas em construção e construídas que, uma vez ocupadas, comuniquem por meio das Comissões, ao Delegado de Saúde das Comarcas para que ele passe vistoria. Por agora, sobem casas em Barbacena, Alcanena, Tomar, Marinha Grande, Santo Antão do Tojal, Torres Vedras, Águeda, Miranda do Corvo, Cantanhede, Lousã, S. João da Madeira, Canelas, Melres, Azambuja, Fontelo, Fontelas, Sinfães, Parada de Todeia, Galegos, Paço de Sousa, Gandra, Paredes, Lagares e Mirandela Dizemos por

(Continuação da Segunda Página)

Começou com 3.000; hoje está nos 37.000. Nunca tão poucos fizeram tanto em tão pouco tempo; diria um homem célebre da Inglaterra!



... a s a o ... A la a o a ... is o a ... le la ... a- a/ u- a, e a ... já to ... us ar a, te o. as or ca as le- n- se ui



Crónicas de África

O comboio chegou à estação de Lourenço Marques, dentro da hora marcada. Eu esperava, sim, que ao nosso encontro viesse aquela meia dúzia de homens ali residentes, que no meu tempo eram rapazes como eu, mas nunca um tamanho mundo! Mais. Todas aquelas pessoas, ao que me disseram, tinham estado horas antes e com o mesmo fim, no campo de aviação, pois que por esta via nos esperavam. Mais ainda. A chegada do comboio, coincide com a hora do almoço na cidade e pelo que vi, todos deixaram esta para acudir àquela. Mas ele ainda há mais e é que, naquelas terras, não é costume perder-se tempo. Não existe a pasmação da Metrópole. Não há mesmo quem a faça. Cada um tem a sua obrigação. O povo de Lourenço Marques e das outras terras ultramarinas, não é das direitas nem é das esquerdas. Não se lhe dá de quem chega ou de quem vai. Desejam a tudo e a todos muita saudinha e que os deixem mas é trabalhar. Isto é assim. Pois não obstante, a estação regorgitava. Como nos grandes acontecimentos, também nós ali tivemos de dar a cara aos fotografos, a voz aos microfones e o corpo à curiosidade. Tudo padecemos. Tudo suportamos. Tudo compreendemos.

Do local, partimos com o Calçada Bastos, que nos deu de almoçar na sua formosa residência, à Polana, tendo depois seguido para um hotel, na Ponta Vermelha. Tomamos os quartos que nos deram. O meu dizia para o mar. Coloco uma cadeira de encosto na sacada. Era a hora do poente. Eu estava sozinho e entro em ruminar as coisas que me tinham acontecido na maré da chegada.

E o dom. Não é mais nada. São os talentos. Não é mais nada. Talentos que Deus confia a cada um dos mortais, de que temos de dar contas na hora da nossa morte. É para negociar com eles que o Senhor os concede e tanto mais rendem quanto melhor se usam a bem dos outros. Aqui é que reside o valor do *negócio*. Ora nós, por vocação, somos negociantes daquela natureza. Tudo isto me passava pela mente, enquanto olhava para o mar. Não era de maneira nenhuma a pessoa. Não era a posição. Muito menos o nome. Que vale isso tudo? Os talentos. O talento que Deus me deu, negociado por Sua conta e risco; daí o espantoso rendimento! Todos querem ver, escutar, aproximar-se, sentir, recordar. O que não será a intuição de Deus, se nós, com o que Ele nos dá, prendemos almas?!

A cidade de Lourenço Marques, está escrita e descrita em páginas de livros e nas falas de muita gente; porém nem todos a vêm da mesma sorte e como eu, poucos. Há trinta anos que ali tinha morado. Hoje venho encontrá-la mais ornada, muito mais bem parecida. As avenidas. Os edifícios. O volume do comércio, da indústria, navegação, agricultura. As escolas. Os colégios. Um liceu. Muitas famílias. Muitos lares. Muitas crianças. A catedral. A Mansão dos Velhos Colonos. E depois a beleza natural que ninguém empresta nem imita e que

faz da cidade de Lourenço Marques *A Única!*

Tivemos pouca sorte com o hotel. Eu não. O Júlio. É de tradição inglesa e Júlio levava todo o tempo a pedir aos criados mais pão. Agora, que estava em terra portuguesa, o rapaz gostaria de uma açorda alentejana ou uma sopa de coentros, mas não. Nada disso. Tudo muito parecido com aquilo que nos davam nos hotéis de Joanesburgo. Um dia, para o consolar, mandei vir uma garrafa de vinho branco Casal Garcia. Mandei vir e bebêmo-la. Ele metade e eu metade. Mas nunca mais. Quarenta escudos! E voltamos ao vinhinho da casa.

O meu programa dava-me cinco dias em Lourenço Marques. Eu ia determinado e pedia a toda a gente que me deixasse cumprir. Um desses, destinei-o ao Xai Xai. A população daquela Vila foi a primeira que levantou voz e muito antes de eu ir, mandou ela um cheque de doze contos para uma casa do *Património dos Pobres*. Eu tinha de retribuir. Não podia deixar perder a ocasião. Um grande do Xai Xai, senhor J. J. da Cruz, veio naquele dia ter comigo ao hotel. Trazia o seu magnífico carro. Trazia um programa formidável. Trazia uma espontaneidade amável e portuguesaíssima. Embarcamos. O programa cumpriu-se. Atravessamos as terras mais fartas. A gente mais hospitaleira. As páginas mais belas da História dos Portugueses. Por ali se cobriram de glória Mouzinho e os seus. Os Administradores de todas as Circunscrições, vinham-nos esperar aos limites. A de Chibuto e Manjacaze, ofereceram casas. Os outros, se não foram tão longe em quantidade, não ficaram atrás em qualidade. Ali a medida não era feita de algarismos.

UMA CARTA

«Junto envio meia libra em ouro pedindo para ser vendida e o seu produto ser entregue a cinco pobres dos mais necessitados da conferência de S. Vicente de Paulo, cujos gaiatos do Lar do Porto têm a seu cargo.

Há 40 anos que eu tenho esta meia libra. Em Fevereiro de 1913 embarquei em Leixões sem documentos legais só a cédula marítima, levando como bagagem uma calça um casaco de ganga uma camisa umas cuecas cinco mil reis e os calos nas mãos. Deixando cá mulher e dois filhos. Desembarco no Rio de Janeiro quem eu procurava estava doente, fico a dormir numa cadeira no dia seguinte troco os 5 mil reis que me dera 15 brasileiros assim passei dias comendo só pão e duas sopas para que me desse força para poder andar. Ao fim de certos dias encontrei um amigo que me arranhou trabalho e cama, trabalhei sempre ao fim de dois meses de repente sinto as pernas presas, parecia reumatismo, o meu amigo tira uma subscrição pelos amigos. Embarco passado dias encontro-me com muita saúde. Ponho-me a lavar roupa para quem precisava a fim de angariar dinheiro, onde consegui esta meia libra a bordo... Desembar-

NOTA DA QUINZENA

Os senhores lembram-se da notícia e fotografia do *Loirinho*, como saíram em o último número deste; lembram-se? Dizíamos, então, que nada sabíamos do enfeitado, mas hoje sabemos. Foi o *Fatsca*. O *Fatsca* achou a mãe, mulher nova e loira, segundo ele, que se ocupa a preparar folhelho para as fábricas de cigarros. Disse-me o *Fatsca* que ela tem este e mais dois, todos sem pai. O que nós cá temos, foi dar ao Porto, a casa de uma irmã dela, que o deixava andar nas ruas a pedir *pelos alminhas*. E das ruas veio para aqui, sem documentos nem nada! Como não? Ele não tem pai! Nove meses antes de nascer, era sem pai. E hoje, que nasceu sob o mesmo signo, não tem quem o justifique, quem o conheça, quem o dirija. Nada. Ninguém. Ele não tem pai! É tão fácil abrir as portas das cadeias a estes sem pai! Temos cá o *Loirinho*. Segundo o *Fatsca*, andam por lá dois seus irmãos; e como a mãe é nova e tem parentela no Porto e ali há muitas ruas, não repugna acreditar que aos três sucedam mais três... Nós cá estamos...

Ligado a este, vou contar outro caso: apareceu aqui ontem um rapaz robusto, vestido e calçado e saca na mão. Era noitinha. Responde a todas as perguntas. Não embrulha as coisas. É de Mondim. Sua mãe anda à lenha e ele vai com ela, daí o ser forte e sincero. Quando lhe faço a pergunta do estilo, ele responde: *eu não tenho pai*. O nosso diálogo teve lugar na sacristia, aonde me estava preparando para celebrar. O rapaz não larga a saca, que desde ontem trazia. Dormiu com ela. A mesa, não a larga. Ela é dele. *Eu não tenho pai!* À hora de subir ao altar, não encontrei sentido nem desculpa para uma tal afirmação, na boca de um Inocente. Olhei para ele. Pergunto se quer assistir. Disse-me que não. Está certo. Dá certo. Ele não tem pai...!

O Júlio chefe, foi deputado para ir a Mondim, entregar o filho a sua mãe. Tinha-me ele informado de mais um irmão, mas o Júlio, por mais idade, descobriu um outro, ainda no ventre. Tem dois. A mãe ainda é nova. Pode muito bem ser incluída nas possibilidades da mãe do *Loirinho*. Mais uma colónia de enfeitados por terras de Mondim!

Soube aqui que fora a senhora Rosinha do hospital. Foi ela que me arranhou a vir pra Casa do Gaiato. Assim declarou o Devolvido.

Muito bem. O coração é assim. O coração é sempre o primeiro; e não tem havido asneiras no mundo que ele, o coração, não tenha feito! Mas nós temos também inteligência, e nestes casos é ela. É a inteligência que deve abrir a porta, tomar conta e estudar a calamidade nacional.

co em Leixões com um pequeno baú, sou preso por trazer 40 gr. de tabaco nas algibeiras, passado 3 horas mando-me embora por que a meia libra não falou...por que se fala eu ficaria sem ela, por este motivo desejo que faça a distribuição como peço. Ainda tenho uma libra que me deram em 1926 e que tenho ideia de a oferecer, mas tenho uma filha que vive muito pobre e eu ainda trabalho 10 horas por dia para poder governar o barco.

Um Serralheiro

Em lugar de se dirigir aqui, a senhora Rosinha do hospital devia tê-lo feito às Autoridades. Chamar. Agitar. Ninguém tenha medo da opinião pública, quando ela é baseada na Justiça. Ninguém tenha medo. Não há motivo. Não há revoltas. Não sai ninguém para as ruas. Ao contrário, todos entram dentro de si e meditam. É a Justiça!

E para terminar, deixando um nadinha de consolação nas almas, ontem de tarde estive em casa da tecedeira. Ela é viúva. Estavam ali, ao pé dela, os seus 4 filhos. Não me disse nada. Tinha cortado uma teia e ia principiar outra. Na lareira não havia lume. Era no fim do dia e ainda não tinha feito caldo. Pobreza, que não Miséria. Estavam ali as quatro crianças. Estavam no seu lugar. O calor da mãe supre o da lareira. O pai dos quatro, mesmo morto, é o Pai!

Mais uma Viúva a quem passamos a dar uma tença, e assim ajudar a criar os seus filhos, dentro da sua casa.

Escrevo esta sublime notícia na alma dos meus leitores.

Sinal de Alarme

Não vem um dia ao mundo em que a gente não receba cartas, muitas delas, aonde as mais variadas gentes escrevem com lágrimas os mais variados apelos. É raro o dia em que não aparece algum aqui à porta a desfiar, pessoalmente, rosários de contas, feitas de mistérios dolorosos. Idades, andrajados, distâncias, histórias; tudo isto nos revela serem muito mais os que precisam do que os que podem e que estes estão mal organizados para acudir àqueles. Um grupo deles chega com muitos quilómetros, tendo andado mais de vinte, por engano, em sentido contrário; nós antes queremos pôr a cara no chão do que os pés. Tão cansados!

Um outro, de Matozinhos, aparece numa destas manhãs de geada. *Apanha-mo-la toda no caminho!* Nestes casos e sem perda de tempo, como o forno estivesse a arder, os peregrinos entraram, aqueceram-se, dá-se-lhes o pequeno almoço e depois entro eu. E digo-lhes que não! Poderia dar-me por contente ao ser assim procurado e ter muito que dar, mas não. A Caridade exige que se reponha a justiça. Sem esta, até, aquela é uma simples palavra que vem nos dicionários. Mui doloroso me foi escutar a exposição das mães: — *deixamos os nossos filhos a dormir sem uma migalha de pão*. Quem se não comove?! E eu, comovido, sim, não atendi. Por amor à Justiça tenho de pregar. Era-nos imensamente mais fácil e muito mais doce dar e calar. Mas eu tenho medo!

Não era preciso vir aqui ninguém. É mesmo necessário que aqui não venham. Cada paróquia é uma cidadela. A sua organização esplendida e secular, tem elementos para dividir e bastar.

Temos de entrar por aqui. É este o sinal de alarme de que fala a epígrafe. Todos, salvamo-nos todos.

Agora mesmo saiu daqui uma mulher nova, ainda, a contar-me a sua desdita, mãos arrojadas na testa e já sem lágrimas; tinha-as vertido todas! Num instante fica sem o seu marido, pedreiro,

Isto é a Casa do Gaiato *Falam os dois zambezianos*

*** Agora é a gansa. Uma gansa que desata a pôr num ninheiro muitíssimo mal escolhido. Ela não foi nada feliz — nadinha. Fica mesmo à beira de um sítio, aonde passam a cada momento rapazes, sem nada que a defenda das vistas ou do tempo. Eu cá dei fé por tê-la ouvido bufar. Passava. Oíço um ruído. Escuto. Olho. Era ela, pescoço estendido, e a bufar de zangada.

Vi logo o peigo e entra em mim uma grande inquietação; a gansa não vingava a postural. Contudo, sigo caminho disposto a ouvir o que tudo aquilo diria. Não levou muito tempo que um deles subisse, a dar-me a novidade. E acrescentou que a gansa escondeu o ovo com ramos e folhas caídas e que se demorou um bocadinho e que tornou lá com o bico a dar mais um jeito e que desapareceu. Ouvi tudo em silêncio, como se oste alheio, mas por dentro ardia... Aquilo era o restolho. Daí a nada, toda a aldeia ia ter conhecimento. Adeus gansa e ninho e ovos!

As coisas andaram sem novidade até à noite e eu aproveitei a hora do terço, na capela, para fazer um grande sermão. Prêguei a gansa. Ela muito branquinha e muito contente e muito sossegada, a chocar os seus ovos, de onde não-de saír mais gansinhos tão lindos como ela. Nós só temos 4 gansos, mas devemos ir para a dúzia, por causa dos nossos lagos e dos nossos charizes.

Que era muito bonito passar ao pé e respeitar aquela mãe. E disse e disse e disse. Comovidos não digo, mas atentos, sim. O auditório não tugiá nem mugia.

Ora muito bem. Se nós viermos a tirar uma ninhada de gansos ao preço da resistência hercica de duas centenas de rapazes, — eles abertos e um ninheiro aberto e tudo o mais poria aberta. Se tal vier a acontecer, sim, nesse caso sou eu que digo. Não é necessário que outros afirmem. Sou eu. Eu mesmo é que me dou o título de o primeiro educador de Portugal.

*** No fim do sermão, o Rocha das capoeiras vem-me comunicar a existência de mais um ninho, este de patá, abrigado e bem defendido. Tomei conta do recado e fui ver. Já tem seis ovos. Espera-se bom êxito. Juntando a estes dois casos de muita esperança as ninhadas de pintalinhos que já piam e comem, temos que os dias de festa nas nossas comunidades, contam-se pelos do ano.

Os pintalinhos andam alternados com os cachorrinhos. Quando se soltam uns, prendem-se os outros. Eles são três e perseguem.

*** Só depois do sermão da gansa, é que dei pela falta dos Batatas. Ele foi à noite na capela. Agora é frio. Eles tinham ido prá cama. Não estavam. Mas os Batatas são os que mais necessitam desta sorte de doutrina, por isso mesmo, escolhi o Zé

e com 8 filhos; — eu já tive treze! Ela compreende. Ela presente. Ela sabe que sem o braço do seu marido, ficou sem nada e sem ninguém. Já ouvi os filhos *oh mãe, dê-me pão!* Hoje não, mas no próximo número, havemos de dar aqui notícias de como é possível curar feridas nos nossos membros, mesmo quando todos os remédios parecem falhar. Não se espera por ninguém. Não podemos meter papeis que ela, a Viúva, tem 8 filhos em idade de comer; só um é de peito.

Lemos para lhes dar o recado, no dia seguinte. Zé Lemos é todo lume. Ninguém como ele para esta missão. *Right man.*

Desço dos meus aposentos, entro no refeitório e vejo cada um ocupado com uma tija imensa a transbordar leite e migalhas. Estava certo. Vejo Zé Lemos ao pé, sobretudo pelos ombros, e é para que a tropa acabe de comer. Ele tinha o sermão e ia dizê-lo ao pé do ninheiro da gansa. Dirijo-me dali à capela e enquanto me paramento, dou com os olhos nos 26 pequeninos, limpando os lábios às costas da mão, enquanto seguem o *prêgador*. Quedei um bocadinho a observá-los de costas. Por qualquer lado que se olhe a criança, só damos com formosura. Como não, se ela, a Criança, naquele tempo era chamada e apontada pelo Criador do Mundo!

Dá-lhe o caminho do altar e começo a dizer missa. Que missa...! Às vezes dá-me na cabeça de fugir para o Claustro, aonde a vida é alta, o mundo longe, a matéria escrava e o espírito senhor. Dá-me na cabeçul Eu que só tenho uma túnica dizia ali bem. Mas tenho pena de deixar esta porção. Mesmo que eles me não reconheçam, me não amem, tenho os eu amado. E neste amor resisto.

*** Hoje estava no escritório do Júlio. Eram horas do meu chá. Um rapaz atende ao telefone e a quem lhe pergunta, diz ser o Joaninha. *Daqui fala o Joaninha*. O de cima informa ser o Pombinha. *Daqui fala o Pombinha*. Este quer saber de mim, por causa do chá, e comunica que *Manuel do Embrulho* anda de tabuleiro na mão, a saber onde eu estou. Uma vez localizado, aparece ele com o tabuleiro e tudo o mais, só açúcar é que não. *Manuel do Embrulho* esquecera-se dele. Muito pressuroso, desanda, mas eu não deixo. E o rapaz quase chora ao pé mim, por me ver tomar o chá azedado!

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

«O Gaiato» faz anos. Em todos eles, neste dia, me recordo dos primeiros em que nós, pioneiros, o lançamos à venda, pelas ruas das cidades, pelos «cafés», pelas praças, pelos cinemas e por todos os sítios onde podíamos acaçar os incautos... Foram dias que jamais esquecerão, que não era raro ouvirmos um mau comentário, um tenebroso insulto e até apanhar pancada.

Em compensação, quantas amizades da primeira hora! Quantos corações, cada vez mais incendiados! Quantas almas mais unidas na vanguarda do Bom Combate — a Causa dos Pobres! Eis o nervo do triunfo progressivo do nosso «Gaiato» — a causa dos Pobres. Tudo o que lizestes ao mais pequeno dos meus irmãos a Mim mesmo o faris. São palavras de Vida Eterna. São a Verdade. E o F. m. so é a Verdade. Por isso conquistista e é uma Força nos nossos dias.

Nasceu com a Casa do Gaiato a pregar a Criança Abandonada. Veio o Barredo, as Curraleiras. E os Barredos e as Curraleiras que todos deram em descobrir, o que até aí era desconhecido(?). E (oh revolução das revoluções!) o Património dos Pobres. Que Força não há-de ter o nosso «Gaiato»! Não é a moradia do Pobre a causa primária da maior parte dos casos de autentica miséria, até moral, que aterroriza os que se bem sentir a desgraça do irmão que sofre? Oh revolução das revoluções! No dia em que cada Pobre tiver a sua casa, nesse dia, digo, poderemos apregoar, com verdade, aos quatro cantos que é verdadeiro o nosso progresso — todos vivem em «sua» casa.

*** O assíduo Bêbé n.º 3 vai com 20\$ das cotas de Janeiro e Fevereiro. Isto é que é devoção! Leça do Bulio 25\$. Artur Barros do Porto 30\$. Rio Tinto 10\$. Justino Moura da Invicta 20\$. Outra vez a incomparável cidade tripeira com 100\$. nu n envelope sem mais nada. De Curviciis 60\$. E novamente o Porto com 100\$. M. r. Helena Nunes 30\$. Maria Helena Bebiano 100\$ para

Como é já do conhecimento dos leitores, encontramos cá, na Zambézia, eu e o Amadeu a quem antes de mais nada quero chamar a atenção de que sendo ele o que chegou (eu já cá me encontrava) a ele competia dar notícias visto que, as primeiras impressões que se colhem ao chegar a África, e então à encantadora Zambézia, são sempre de mais interesse do que meia dúzia de notícias que eu possa dar aos caros leitores, sobre a nossa vida cá, que é, forçosamente, um pouco metódica.

África tem os seus quês e deles fui avisando o Amadeu, dizendo-lhe com o que tinha de contar. Hoje sinto-me muito satisfeito, porque vejo que Ele melhor que eu soube ganhar se, conquistar simpatias gerais, e cumprir a altura. Suponho, para não dizer tenho a certeza, que é este o ambiente que o Amadeu por cá tem, e que também soube criar.

A ele os meus parabéns. Aos que não de vir quero desde já testemunhar-lhes o meu apreço, pois é sinal que mereceram do nosso bom Pai Américo essa distinção, e ao preveni-los de que nem tudo são rosas, desajar-lhes que consigam, como o Amadeu, cumprir à altura. Assim, e só assim, conseguiremos, além da consolação do Pai Américo, engrandecer a nossa Obra e abrir as portas a outros futuros irmãos nossos que para cá venham.

Quero agora falar da passagem do Pai Américo por cá.

Quando um filho se encontra ausente do Pai, com a desvantagem de estarem em continentes diferentes e ainda saber que para que o Pai o venha ver terá de deixar lá, no outro continente, mais de 500 filhos, ouvir dizer que vamos tê-lo junto a nós, parece um sonho!

Isso nos pareceu de facto a presença do Pai Américo cá, na nossa república, junto a nós, vivendo a nossa vida: mas ela foi um facto.

Lamentamos somente que não estando nós ainda refeitos desse sonho já o tempo nos chamasse à realidade, dura realidade.

O Pai Américo que permaneceu junto a nós durante cinco dias, tinha de partir. Ele tinha necessidade de em breve estar novamente junto dos seus filhos, nossos irmãos, que lá tinha deixado e que, mais do que nós, já lançados na vida, têm necessidade da presença dele. Nós assim o compreendemos embora isso não evitasse que no momento da partida as lágrimas corressem. Compreende-se. Não são tão de tristeza como de saudade, de quem, temos ainda muita necessidade. A sua palavra sempre precisa e consoladora, era reforçada com a sua presença, durante a sua estadia cá, e isso consolava. Agora tê-la-emos somente por cartas, mas em breve espero estar novamente junto a Ele desta vez sendo eu a visitar!

São dias que alegremente vou contando e que me parecem bem mais longos do que o que de facto são. Posto isto e encontrando-se o Amadeu, que já leu o que acabo de escrever, junto a mim, passo-lhe a palavra.

Ouçam-no... ANTONIO TELES

Num belo dia, em que um sol radioso reflectia sobre o estuário do Tejo, tomava rumo a África, realizando-se um sonho que ambicionava há longo tempo. Tomar rumo às nossas Colónias Ultramarinas.

Para mim era uma ambição. Queria trabalhar nas nossas Colónias. Um dia pedi ao Pai Américo, se me arranjava em África uma colocação.

Esperei algum tempo, mas uma única coisa me faltava saber: — Se o Pai Américo depositava em mim a confiança necessária para me desempenhar no tão difícil passo. E, um dia, chamando-me ao seu escritório, disse-me que tinha em África uma colocação para mim. Tinha depositado em mim a confiança necessária para me defender no tão difícil lugar.

Quantos vezes, sozinho, pensava nesse passo que iria dar na minha vida. Sentia qualquer coisa dentro de mim. Saía da Mãe Pátria com algo de responsabilidades. Era mais um Gaiato que iria prestar provas, para ver se ficava aprovado. Tudo isso era um pesadelo.

Poderia depender de mim novos horizontes, para futuros Gaiatos. Tinha sempre que mostrar da casa de onde vim. Houve uma causa que me fez de um momento para o outro vir as lágrimas aos olhos. Naquele momento em que disse o último adeus, até um dia, à Aldeia de Paço de Sousa, onde me fiz alguém para entrar na vida.

Contar a minha vida e-me impossivel. Que belos panoramas! Só quem sai de Portugal, é que poderá presenciar estas maravilhas.

Começando pela Pérola do Atlântico, e em todos os portos que atracava, só maravilhas presenciarei. Em quase todos os portos que o vapor atracava, tinha alguém que me esperava.

Em Luanda o Carlos Alberto, em Luanenque Marques o José Reis e finalmente na Beira o António Teles.

duas conferências. Por uma graça concedida pelo Senhor Padre Cruz 20\$. que ficam aqui muito bem. Paulo A. Chaves 50\$. E mais Porto com 25\$. É ou não verdade que é incomparável? José Botelho, também do Porto, com 50\$. E agora um pulo até Faro e mais 50\$. E Maria Teresa Passarinho de S. Domingos com 10\$. E o Senhor Doutor Armando Cancellia de Abru com 50\$. Grand's names! E por fim, um salto — que me traz recordações inolvidáveis — até Moçambique, Inácio Loliola Rodrigues 100 deles. E acabou.

Júlio Mendes

Como vêm leitores, os Gaiatos já se encontram espalhados por alguns pontos das nossas Colónias Ultramarinas. Daqui a algum tempo muitos mais estarão.

Quando cheguei à Beira tive que embarcar no comboio até Caia e depois apanhar o motor-trolley até Marrimou. Em Marrimou embarquei num barco de roda atrás que me trouxe até ao Luabo, na bela provincia da Zambézia. Depois de algum tempo de aqui ter chegado é que ainda melhor tive ocasião de ver as belezas de África. Quantas e quantas vezes nem nos recordamos que em África estamos a tantos milhares de quilómetros da Mãe Pátria, e isto porque estamos rodeados de todo o conforto.

Cá me encontro no meu novo lugar onde me sinto satisfeito.

AMADEU MENDES

UM CASO

O médico pediu-me que fosse ver. Quanto a ele, médico, parecia-lhe um cancro, mas sem análises, disse, não me quero pronunciar. E torna: *vá ver e escreva para o Director do Instituto de Oncologia*. E eu fui.

Preparei as coisas de véspera para dar a manhã seguinte à prometida visita. Enquanto caminho, vou perguntando a quem passa aonde fica o lugar. Uma vez chegado a ele, pergunto o nome da pessoa. É um aglomerado de casas compostas e bem parecidas. Ao tempo, já ia acompanhado de alguns dos meus informadores e foi na companhia deles que dei entrada no recinto. Mais do que a simples notícia do médico, estes homens disseram-me, enquanto iam, que a *doentinha* o é há três anos. Que há mais sete irmãos em casa. Que o pai é jornalista. Que a mãe vê-se e deseja-se.

Em redor são hortas e pinhais. Começam as flores da primavera. Passarinhos ensaiam seus primeiros cantares. A mãe aparece; nova, ainda, desembaraçada e triste. Foi buscar a doente, que ao tempo estava num cesto ao lume. É uma menina de oito anos. Usa vestido de chita. Nos pés, meias de lã. Brincos nas orelhas. Uma fita azul prende-lhe o cabelo. Ao vê-la tão estimada, nota-se logo que ela, a doente, é a prata da casa. A mãe tem na ao colo. Estamos no aido. Há muita luz. A padecente, não tem posição. Toda ela é um gemido! Mudou a cabeça não sei quantas vezes sobre o peito da mãe; ora para a esquerda ora para a direita. A fita do cabelo, o vestido quase novo, as meias brancas nos pés; tudo isto que é tão lindo, ali não fazia vista nem tinha graça. Os gemidos absorviam! Que não, diz a mãe quando lhe perguntei. *Da ferida não se queixa; é da cabeça!*

Como não, se o mal é na face? Trágica verdade — *é da cabeça!*

Tinhão passado uns dez minutos. A doente, sempre inquieta, pede à mãe que a tire dali e depois pede que não e torna a dizer que sim. É a dor! *Ela já nem come, padre*. O seu aspecto o dizia!

Eu ponho no chão os meus olhos pecadores. Quereria sondar o mistério da Dor. Será para ela, Senhor, que nós sugamos o leite no seio de nossas mães?! Mas não. Fiquei-me. Deus é justo em todas as Suas Obras. Se permite a dor é para nos doermos. E eu nunca mais tive paz. Trouxe comigo as dores da desconsolada. Horas depois estava ela nas mãos da ciência e da hospitalidade. Que se alegrem comigo os que até aqui choraram!

Continuação da quarta página

Património dos Pobres

Continuação da primeira página

agora, porquanto, quem pode dizer o que lá vem? Brevemente contamos atacar o Porto!

Escreve o Pároco de Arruda dos Vinhos:

«O problema da habitação sempre me afligiu, como penso que todos os irmãos sacerdotes do País e do mundo. O GAIATO tem-nos rasgado os olhos e arrancado todas as escamas para ver e sentir melhor o cruíante flagelo da falta de habitação. Mas não só. Abriu-nos o caminho para a libertação do pobre da barraca e da cortella. Mas não a todos. A muitos deixou durida a consciência, por ter ajudado a descobrir misérias a que não podemos valer. Deixei-me desabafar ao signo.

Tenho-me afoitado a entrar em cubículos desta freguesia para ver o que imagina. Mas a realidade ultrapassa toda a expectativa. Eis a minha dor. A Conferência Vicentina que fundei, só pode levar aos habitantes desses antrus meros paleativos.

Contar casos é supérfluo. Vai o último: há dias, na ausência dos pais, fui levado por três, de seis irmãos, a um desses esconderijos. Os irmãos dormem todos no chão, por falta de espaço, em cima duma espécie de mata que é posta e tirada todos os dias, pois ocupa o único bocadinho de chão livre. Demos já uma enxerga adequada para as crianças, mas os pais roubaram-na aos filhos, segundo a sua expressão, para a sua cama.

As crianças que são muito lindas e meigas são socorridas por muitos da vila, porque os pais pouco caso fazem de as, por falta de casa para conviver. A casa delas é a rua e a dos pais a taberna. Os filhos mais velhos de ambos os sexos já são criscidos e eu vejo-os sujeitos a grandes perigos. Tenho algumas casas noutro genero, mas a pedir piedade. Que fazer? Herdeiro de 4 freguesias descritianizadas e materializadas do Patriarcado, sem o mínimo habito de dar, e habituadas a estas situações que julgam naturais, sem tão pouco haver uma congrua que garante a manutenção do pároco, vejo-me na angustiada situação de ter de abafar em mim esta ansia de ajudar estes meus irmãos caídos na vida e refractários a toda a tentativa de conquista, pelo estado infra humano em que vegetam. Mas eu não queria conformar-me. Pelo baptismo estes nossos irmãos são também membros do Corpo de Jesus e esperam a sua hora de resgate. Se o Pai Américo viesse em seu auxilio, por certo acordariam consciências adormecidas para os deveres sociais. Sentiriam ao menos o desassossego da Igreja, realidade equívoca para muitos destes.

Estas almas por quem hei-de responder, pedia-lhe que me mandasse projectos para casas de família com cinco filhos e sem filhos (velhinhos) para ir vendendo as superfícies necessárias e onde encontrá-las.

Arruda dos Vinhos, 28 de Fevereiro de 1953

PADRE ARNALDO BABO

Estas cartas são pedras de fundação. Muitas como esta e aí temos um mundo novo. Estas cartas fazem lume. Roubam a paz aos habituados a estas situações que julgam naturais. O pároco desta e mais 4 freguesias do Ribatejo, diz que não. Que não são naturais; e vai construir. Vai fazer milagres. Não o conheço nem é preciso. Ele sabe que nós, os sacerdotes, podemos fazer coisas maiores do que o Mestre—com uma condição: ter fé n'Ele.

«Ora foi numa destas visitas a um dos bairros mais pobres da nossa cidade que um grupo de jicistas ao descobrirem, horrorizadas, a injustiça e a mentira da sociedade que permitia a criaturas humanas viverem como animais, gritaram alto e sinceramente o seu inconformismo. Daí todas nos termos reunido, pensado, discutido e tirado enfim a resolução comum de levar os nossos conterrâneos a entusiasmarem-se pela iniciativa providencial—o Património dos Pobres—erguendo nós mesmas, à custa de pequenas renúncias e sacrifícios pessoais a primeira casa em Braga para os pobres.»

Parabéns às Jicistas de Braga. Eu ajudo. Apenas um reparo; não se devem atirar à sociedade. Digam antes nós. Nós todos; clero, nobreza e povo.

PELAS CASAS DO GAIATO

COIMBRA Depois de um interregno aqui estou novamente para dar as notícias fresquinhas da nossa Conferência. Para principiar, aqui vai o que nos vão dando: 60\$ de um conimbricense que vive no Porto para pagar as suas cotas; 40\$ recebido de uma senhora das Doroteiras para a ajuda do aluguer do quarto do pobre do Bairro das Latas; 20\$ com o mesmo fim; 20\$ para a mãe que tem muitos filhos entregues no Porfírio Delgado; uma camisola de um senhor do Porto que tem muita comida e roupas para os seus filhos e que não se esquece dos pobrezinhos mandando esta camisola que era destinada para um dos seus filhos e que estava para ser enviada para o armazém das reservas e que se destinava para o pobre do Bairro das Latas. A senhora da Rua Henrique Seco também nos mandou o costumado. A todos muitíssimo obrigado.

O Património dos Pobres vai ser uma realidade em Coimbra.

O Sr. Presidente da Câmara já nos cedeu um bom bocado de terreno e em vez de construirmos uma casa, construiremos nada mais de 5. Agora mãos à obra conimbricenses.

Deste pequenino cantinho eu endereço, em nome do Pai Américo e de S. Vicente de Paulo e dos nossos confrades, ao Sr. Presidente da Câmara Municipal os nossos agradecimentos e desde já lhe estamos profundamente reconhecidos.

Obrigado caros leitores, não vos esqueceis dos nossos pobres.

Presentemente não temos um só centavo em caixa e com muitíssimas senhas na mercearia para pagar. Esperamos na vossa ajuda, caros leitores e estou em crer que nenhum deixará de mandar uma migalhinha do seu pão de cada dia. Cá fico à espera da vossa resposta. Ajudai-nos e Deus vos saberá recompensar.

—Agora um pedido que nada tem a ver com a conferência. Pediram-me há dias para eu arranjar selos que se destinam para as Missões. Mandai selos de todo o mundo em especial do Português, porque eles são bem recebidos pelos pretinhos das Missões. Portanto não vos esqueceis e mandai os vossos selos, o que já vos agradeço em nome deles. Cá os espero para depois os enviar aos nossos irmãos de cor.

JOSE MARIA FERNANDES

LAR DE LISBOA Caros leitores e amigos: Como já haveis de saber pelo meu colega Vitor Manuel, abriu o novo Lar da Casa do Gaiato de Lisboa, que está situado na Rua Renato Batista, 70-1.º.

Este Lar está por enquanto a funcionar só com seis rapazes, quatro dos quais já empregados e os outros dois na limpeza da casa e temos também uma Senhora para orientar os trabalhos domésticos.

O primeiro problema que temos de resolver é o da renda da casa, são dois mil escudos que temos que pagar. Depois é água, electricidade, mercearia, etc.

Nós os empregados somos os primeiros a entrar com dinheiro, mas só juntamos das nossas férias novecentos escudos. O resto há-de vir da venda do Famoso, da venda dos livros «O Barredo», assinaturas e visitantes.

Andamos a disputar com os rapazes do Tojal, as melhores igrejas e companhias. Nós puxamos para cá e eles puxam para lá.

UM CASO

Continuação da terceira página

Agora é a mãe. Ela vai dentro colocar no cesto a menina e ali no aido aonde estávamos, profere a sentença condenatória. Ela quer falar. Nota que eu estranhei terem deixado chegar o mal àquele ponto. Eu não o disse, mas ela presente. Ela quer dizer e disse: *a gente fez um papel prá Cambra e nao valeu nada.*

Também eu quero falar. Também eu tenho muito que dizer. Trago os ouvidos cheios do *eu já meti os papeis; ele já meteu os papeis* consoante a informação é directa ou indirecta. E, ainda, *ele tinha metido os papeis, mas não vieram e morreu!* Quero falar, sim, porquanto há grandes homens em Portugal que defendem a Assistência dos Papeis e que a Particular deve deixar de ser. É por ignorância que assim falam. Impossível a sua tese. Seria o arrefecimento do mundo. Desaparecia a vida das almas. Ia-se embora a Beleza. Ficava o reino das trevas —e dos papeis. A quem havíamos de amar?! Como praticar o Bem?! Ruíam os Fundamentos do Evangelho. O Eterno era mentira.

Quando foi a inauguração deste Lar apertaram-nos cá em casa: em nós termos comunicado festa alguma, umas sete senhoras com várias ofertas servidas pelas mesmas. Foram bolos, arroz doce, leite creme, fruta, etc.

Há dias esteve doente com gr pe o Vitor Manuel, pois uma das nossas senhoras assim que soube foi logo arranjar injeções e chamar uma enfermeira para o cuidar.

Temos a certeza que a graça de Deus, que até à data ainda não nos faltou, não faltará se nós andarmos sempre direitinhos.

Carlos Alberto Lopes

PAÇO DE SOUSA Os trabalhos a Coreia já vão bastante adiantados, quase na última etapa. Graças aos rapazes do *Sejaquim* que têm posto à prova o seu brio, mostrando-nos assim de quanto são capazes. Já se vêm muitas laranjeiras plantadas que embelezam a colina juntamente com a linda casa da mata.

—O nosso team de futebol (reservas) disputou no nosso parque de jogos um renhido de afio com o F. C. Cete, em que arrancou um excelente vitória de 7-1.

Os elementos mais em evidência: Malaia, Rogério, C. Pereira e Domingos.

Agora só temos uma bola de câmara e esta já está bastante adoentada. Por isso se houver por aí alguém que tenha alguma esquecida, desde já agradecemos...

—O nosso *Barredo* está quase todo distribuído, pois temos tidos bastantes pedidos.

Os senhores que ainda o não adquiriram, façam já o seu pedido, porque se se reservarem para a última hora, perdem a ocasião de adquirir uma obra, que é sem favor nenhum, uma revolução da literatura portuguesa...

—Nós também somos muito desportistas. Aos domingos lá estamos batidinhos a ouvir as transmissões feitas pelo rádio.

Há vários relatos, mas nós preferimos sempre o do Sporting, pois 50% dos rapazes cá da nossa aldeia são adeptos fervorosos do Melhor do Mundol...

—Já faz parte da nossa comunidade mais um rapazinho que cá bateu à porta.

Ele é mu to esperto. Ou não seja ele irmão do célebre *Faitca*...

Logo no segundo dia de casa, apertou o papo a outro pelo motivo de lhe chamar anjinho de cera. Por enquanto, não tem apelido mas não há-de demorar muito.

—As casas do Património têm alastrado muito, mas ainda é pouco para a obra que se deseja realizar.

Para que o Património engrandeça mais, é preciso que se abram os corações dos que têm bolsas gordas, poi até aqui as magras, praticamente, é que têm porto ombros, ao maior empreendimento que até agora se realizou em Portugal.

Não podia deixar de ser a maior obra porque é uma inspiração do Evangelho e sob o olhar vigilante de quem é Todo Poderosol!

—Já chegaram as primeiras andorinhas. Devemos estar contentes porque elas são mensageiras da alegria dos campos e dos bosques e que também nos deliciam com o seu doce chilrear.

DANIEL BORGES DA SILVA

Venda do Jornal

A penúltima venda correu como de costume. Saímos de Paço de Sousa pelas sete horas, no nosso Morris, indo a conduzir Carlos Gonçalves, chefe do Lar do Porto. Em seguida vamos fazer a nossa habitual zona, correndo os nossos fregueses. E assim passamos o sábado inteiro, de manhã à noite com o mesmo dito... Olha o Gaiato!

No domingo a cada um de nós lhe é dado nova zona. Uns ficam no Porto, para vender nas igrejas, outros vão para as habituais terras do costume, como Viana, Guimarães, Santo Tirso, etc.. A nossa viagem a Viana é mais longa. Vamos de véspera para lá firmarmos para o dia seguinte. Vamos de comboio... Aquí las lindas paisagens que a gente aprecia quando vamos à janella. Aquelas lindas vistas. Árvores carregadinhas com seus frutos verdejantes. Os bois a lavrarem os campos, e ao mesmo tempo o lavrador deita as sementes à terra. A terra fértil, produziva, faz com que as árvores estejam com bons frutos. De cada vez que a gente vai a Viana, nós qu-se sempre nos consolamos de ver estas casas encantadoras. Finalmente chegámos à já conhecida cidade de Viana, onde nós ficamos, para no domingo fazermos a nossa venda.

De Guimarães, o Cinães e Fala Barato, continuam a vender bem. Comeram em casa do Sr. Guimarães, o grande amigo dos vendedores, por ter feito o eor-cerço dos prémios. Que se diz: em toda a parte, nós, gaiatos, temos carta branca, «ó não temos no comboio... ficamos por aqui!»

MANUEL HENRIQUE

EM DISTRIBUIÇÃO

«O BARREDO»

Pedidos à Editora

Tipografia de «O Gaiato»

PAÇO DE SOUSA

OUTRA CARTA

«Sou uma rapariga de vinte anos, vicentina, universitária. Deixei-me a minha ousadia, mas faz bem dizer certas coisas. E depois, tenho que lhe dizer obrigado. Obrigado pelo amor aos Pobres, pela grande lição de caridade aos novos. Leio «O Gaiato» sempre que posso e tiro sempre qualquer coisa que me fica para toda a semana. E' por isso, por tudo o que nos mostra de grande, de espantoso, de mais, que lhe agradeço. Tive receio de escrever, mas agora à noite, antes de pegar mais uma vez nos livros para preparar um exame próximo, li «O Gaiato» e resolvi-me. Não sei escrever, mas quero que saiba o bem que faz, que nos faz, o que desvenda a tanta gente. Sem dúvida que o mundo sem Caridade é horrível. E o jornal mostra-nos bem o caminho, revela-nos nitidamente o que há a fazer: amar em Cristo e por Cristo.

E' estupendo viver a Caridade. Dá vontade de ser novo mesmo, com todas as forças. O Pobre é o grande mestre. Ainda há poucos dias tive uma lição formidável. Fomos visitar a nossa Pobre e eu pela primeira vez aquela. Coitada, só, sem ninguém que lhe fizesse nada, doentíssima, mas tão resignada. E pensei que eu era muito pequena, sem valor nenhum, eu que me queixo porque não tenho bolos todos os dias, que me lamento com saudades de casa e tantas coisas mais. Em face do sofrimento autêntico dos Pobres, o nosso é tão pequeno! Que nos falta afinal? Bem instalados, Pais estupendos, família boa, meios razoáveis, universidade, livros bons, discos, passeios. E eles? Uma vida geralmente tremenda: nem um consolo, só repelões, só miséria, só fome. Se todos soubessem o que é ser vicentino, decerto que o queriam ser. E' aquele olhar de agradecimento mudo, aquelas palavras sentidas, aquele: *ó menina, a incomodar-se por minha causal que nos traz um bocado de consolo à nossa vida que por vezes não é muito agradável. Quando outro dia passávamos a ferro a roupa duma Pobre, senti-me mais completa do que quando leio Descartes ou Platão. E' estupendo sentimo-nos úteis a alguém que espera as nossas palavras, o nosso sorriso, uma alegria.*

Decerto estou a fazer perder tempo e a aborrecer, mas percebe bem esta necessidade de falar assim a quem nos compreende. Se eu escrevesse bem era melhor, assim...

Aquí em Coimbra, apesar de cidade universitária, pensa-se pouco. E' com desgosto que vejo que as Conferências são pouco conhecidas e que para arrancar 2\$50 a um colega é preciso empregar uma retórica muito completa. Nós temos pouco dinheiro, as despesas são muitas mas no entanto há verdadeiro amor aos Pobres.

Não quero tirar mais tempo, só quero dizer-lhe mais uma vez, obrigado e que Deus o ajude cada vez mais na Obra tão estupenda. Eu rezarei, se bem que não valha nada, mas todos unidos em Cristo, havemos de transformar o mundo. Desculpe o escrever-lhe e tirar tempo e o estilo da carta que foi escrita cá de dentro.

Que a Obra não pare, mas continue em mais, muito mais, são os desejos duma

Rapariga Universitária